

Textos

Israel Portela de Farias

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 29/05/2015

Título : (...)

Categoria: Poesia

Descrição: Eu que muito sonhei para o pouco que vivi,

Eu que muito sonhei
para o pouco que vivi,
me pergunto se sei
o que é estar aqui...
Talvez a realidade
Seja um sonho ruim
E o sonho uma real idade
que talvez seja sem fim
Talvez eu seja partícula
de um pedaço de sonho teu
Ou quem sabe uma ridícula
vida que só não viveu.
Quem me dera eu,

saber pelo menos um pouco,
se ser ser é ser seu,
ou se ser só é ser louco
(...)

(PIU)

Data : 27/02/2014

Título : ... oãšrevni

Categoria: Poesia

... oãšrevni amu ocsub ,osrev mE .oãdilos ad otnimaf ertuba o arap asem an
sodivres ,sodigetorpsed e sievísnes ,sotsopxe sotnemitneS . evlovne euq oizav
oa etlaser odnad , otrauq od ohnamat o odnatnemua e odnaicnatsid es sederap
sa ,orif O .erpmes arap ,ós ,mu res ed odem o ,mod o ,rod a aracsam euq oraf
ed etrap alep odigetorpsed roiretni o odnopxe , aditrevni adiv amU

Data : 27/02/2014

Título : 1 C ou Cê

Categoria: Poesia

Um café ou um casaco,
Um casulo ou um cobertor
Um caso ou um caos

Algo que aqueça este corpo com frio

Data : 29/05/2015

Título : 12 e tanto

Categoria: Poesia

Descrição: No silêncio do meio dia escuto o ponteiro do relógio

No silêncio do meio dia
escuto o ponteiro do relógio
batendo na porta da minha realidade.

O tempo não quer entrar,
ele necessita que eu saia,
já é hora de ir trabalhar...

(PIU)

Data : 01/01/2015

Título : 5102

Categoria: Poesia

Descrição: (um ano invertido)

A crise assola o país
como a crase aflige a escrita.
O kraquen não está nos mares,
mas o craque está em campo,
o crack está na rua!

Por trás das cortinas do teatro abandonado
mofa um espetáculo que nunca foi censurado.
A vida só ganha um pouco de graça
quando de graça é a cachaça.
Os dias estão cada vez mais longos
e o dinheiro diário já não quita as 24 horas.
A vida passa feito um curta-metragem
girando eternamente no rolo da rotina...
A TV não te vê, mas te hipnotiza!
É o espelho da beleza
que não reflete o que agoniza.
O céu escuro não leva chuva para o sertão.
E o ser, tão frágil, acha que fumaça é nuvem.
Nu vem o saldo,
nu vem o prato...
Talvez uma prece
ou o apreço de um deputado.
Talvez um desvio
ou um dinheirinho roubado...
A fé,
a febre do ouro.
O suor frio que escorre no couro
e desejo de ter
que supera o de ser
Lutamos com espadas cegas,
sem fio.
Como esses olhos que já não enxergam,
mas que tapam os buracos
de um crânio
vazio...

(PIU)

Data : 12/06/2015

Título : 5102

Categoria: Poesia

Descrição: A crise assola o país como a crase aflige a escrita.

5102

A crise assola o país
como a crase aflige a escrita.
O kraquen não está nos mares,
mas o craque está em campo,
o crack está na rua!

Por trás das cortinas do teatro abandonado
mofa um espetáculo que nunca foi censurado.
A vida só ganha um pouco de graça
quando de graça é a cachaça.

Os dias estão cada vez mais longos
e o dinheiro diário já não quita as 24 horas.
A vida passa feito um curta-metragem
girando eternamente no rolo da rotina...

A TV não te vê, mas te hipnotiza!
É o espelho. da beleza
que não reflete o que agoniza.

O céu escuro não leva chuva para o sertão.
E o ser, tão frágil, acha que fumaça é nuvem.
Nu vem o saldo,
nu vem o prato...

Talvez uma prece
ou o apreço de um deputado
Talvez um desvio
ou um dinheirinho roubado...

A fé,
a febre do ouro
O suor frio que escorre no couro
e desejo de ter
que supera o de ser

Lutamos com espadas cegas, sem fio.
Como esses olhos que já não enxergam,
mas que tapam os buracos
de um crânio vazio...

(PIU)

Data : 01/01/2015

Título : A FRONTEIRA

Categoria: Poesia

A fronteira existe!
Não é um muro, nem uma cerca.
Não é o rio que separa os dois lados de terra.
Não é o mar, não é uma ponte.
Não é a guarita onde fica o policial.
A fronteira está na gente,
na nossa mente irracional!

Uma montanha não separa a liberdade de ninguém,
e o arame farpado não é difícil de arrebentar.

Mas a fronteira existe!

Di v i de!

Se-pa-ra!

Segrega!

Ontem um velho sucumbiu ao frio.

Hoje uma criança morreu no mar.

Amanhã padecerão outros,
mas cada um no seu devido lugar...

A fronteira existe,

e ninguém pode ultrapassar!

Que morra cada qual em seu devido lado,
pois a fronteira nos impede de ajudar...

(Piu)

Data : 29/05/2015

Título : A Língua

Categoria: Poesia

Descrição: Não conheço bem a tua língua, e não sei se conseguirei entender

A Língua

Não conheço bem a tua língua,

e não sei se conseguirei entender

Deixe ela se enrolar com a minha

para que teu idioma eu possa aprender

Que seja assim,

sem restrições ou pudor!

Que a boca seja um dicionário
e o beijo nosso tradutor

(PIU)

Data : 27/05/2014

Título : Abstrato

Categoria: Poesia

Descrição: Nem todo amor é exato!

Nem todo amor é exato!

O nosso é abstrato

(PIU)

Data : 17/09/2014

Título : CACO DE VIDA

Categoria: Poesia

Descrição: Tua partida

Tua partida

me deixou

par ti do

(Piu)

Ano : 2013

Título : Carta de Trincheira

Categoria: Contos

Caem sementes de pólvora dos aviões plantando homens mortos no chão, no mesmo tempo em que o céu é cortado por raios de luz guiados por balas de fuzil, o tempo se torna a tortura maior. Pegue meu binóculo pai e veja como o escuro predomina nas nuvens, como a fumaça engole o algodão branco do céu. Meus irmãos correram nos campos verdes, que amadureceram vermelhos de sangue na queda de seus corpos cansados da vida, de idas e vindas em meio às trincheiras de carne em decomposição.

Muitas mães esperam seus filhos sem estarem grávidas e eles não retornam ao seu berço esplendido. Muitos filhos esperam seus pais sem nunca terem recebido um abraço ou visto suas faces - talvez quando ficarem mais velhos possam tentar imaginá-las vendo a si próprios no espelho.

Voam os passarinhos de metal no ar, cantam seu canto repetido de uma nota só, eles derrubam homens com o seu piar. Esta guerra berra na cabeça, que desafina o tom do meu viver, nem o sono me deixa esquecer. Até mesmo o silêncio faz com que eu me lembre... Os olhos se fechando e a respiração parando... Meus braços doem de segurar o fuzil, mas esta dor não supera o peso de sentir um irmão morrendo aos poucos, segurando a minha mão.

Esquento meu corpo no fogo e tento queimar as tristes lembranças. Veja, pai? O mundo não passa de um engano, é presente que destruímos com a nossa presença, com nossa falsa crença. Passam os tanques como bondes, carregando almas direto para o céu, tirando os vivos deste inferno frio que fede a sangue cru. Cruzam no céu as estrelas cadentes realizando alguns desejos ao caírem, são mísseis que vem em nossa direção, descendo da via láctea metalizada...

Quando eu voltar, cubra o leito eterno do teu filho, pai, com a bandeira da pátria pela qual ele lutou, cubra-o para secar as lágrimas de minha mãe e fazer bonito como nos outros velórios, que também são em vão. Não me deixe passar frio, cubra-me. Este tempo, pai, é apenas uma passagem estreita entre o real e a maldade semeada sob a privada de homens de paletó bem passado e sapato fino, todos lutamos por eles, não por nós.

Deixe o patrão fumar seu charuto, descansado enquanto luto por ele essa batalha inútil e fútil, deixe lucrar com armas e vender nossas almas ao diabo. Que se cumpram as ordens que banham os sonhos de sangue. "Sim senhor!" Servirei até o fim, pai, você verá minhas medalhas brilharem na prateleira.

Vejo as estrelas na bandeira que tremula no mastro, se livrando dos respingos de sangue que lhe saltam em cada explosão, vejo o céu escuro, sem o brilho do sol. Sei que este sol brilhará para mim um dia, como a luz no fim do túnel, como o clarão da bomba em minha face, levando-me a crer que no fim estarei com os pés no paraíso, longe deste campo de batalha...

Data : 08/07/2014

Título : Certeza

Categoria: Poesia

Descrição: Nem toda certeza

Nem toda

certeza

é

certeira

(PIU)

Data : 09/08/2014

Título : Confuso, confesso!

Categoria: Poesia

Confuso, confesso!

É meu universó em um simples verso...

(Piu)

Data : 29/05/2015

Título : CONTINUUM

Categoria: Poesia

Descrição: Um banco, um espaço em branco!

CONTINUUM

Um banco,
um espaço em branco!
Um espaço,
a solidão espalhada!
A solidão,
a nota só ecoando no vácuo!
A nota,
o zero e seu interior vazio!
O zero,
à esquerda, que não significa!
A esquerda,
um espaço em branco
no banco..

(PIU)

Data : 27/02/2014

Título : Despe

Categoria: Poesia

Se despe.

Me despe

d

a ç

o

Nesse amor disperso

Data : 27/02/2014

Título : E

Categoria: Poesia

Entre

Eu e Você

apenas esse "e"

Data : 28/10/2015

Título : Ensaio sobre a minha cegueira

Categoria: Contos

Descrição: Preto e branco. O mundo vai perdendo as suas cores primarias, e, ao invés de ficar neutro opta pela escuridão extrema ou pela luz que ofusca os olhos...

Preto e branco.

O mundo vai perdendo as suas cores primarias e, ao invés de ficar neutro, opta pela escuridão extrema ou pela luz que ofusca os olhos. Os traços viram troços que desaparecem ao predominarmos a preferência que nos cega. Apesar de ver, não vemos!

Mataram um homem na outra esquina da minha casa. Não vi nada! Nem mesmo queria ver a lona negra que cobria aquele corpo frio, mas vi. Não vi o crime, mas ouvi. O barulho do tiro até hoje ecoa abafado sob o meu travesseiro, trazendo a lembrança daquele dia escuro.

Na travessia de um lado a outro da rua, um corpo ficou sendo manchete, mancha escura no asfalto mesclado com a cor do piche. "Poxa, vida (ou poxa, morte)! Esse cara não teve sorte"... "Puxem ele de aí e enterrem para não vermos mais essa desgraça"- na hora era o que eu pensava.

Quem matou sumiu, ninguém viu. Porém, uma vizinha disse que achava que sabia, mas que mesmo assim não queria se meter, pois ele devia merecer. "Ninguém manda ser preto"... A senhora dizia que preto era tudo igual. A preta cor ou o preto homem, minha senhora? Ou será que era a lona sobre o asfalto que mesclava a cor? Talvez a morte, a escuridão eterna? Quem sabe... O que se sabe é que não se sabe, porque ninguém viu.

Outra senhora, que dizia ter uma comadre que morava por perto, disse que foi assalto, em pleno asfalto. "Meu Deus! Como pode? Um bairro tão tranquilo e civilizado tendo características de um lugar favelado? Vou Acender uma vela para o São Coisinha pedindo a benção e o expurgo dos males para esses ares"... Mas ninguém viu, e até hoje eles seguem sem ver!

De repente, no escuro daquela situação, uma cor rapidamente chamou a atenção daqueles que por ali andavam às cegas. Era o amarelo de umas fitas de isolamento, que em determinado momento fez muitos mirarem para o corpo. "Que dó, era tão jovem"... "Você conhecia?"... "Foi o que eu ouvi"... "Ele merecia"... "Não era gente boa"... "Me disseram"... "Você viu?"... "Eu? Não, e nem quero me meter nisso! Já bastam os meus problemas"... E aquele corpo, envolto pela lona e demarcado por fita, parecia um presente embrulhado para a curiosidade dos vizinhos e dos vizinhos dos vizinhos, que vinham em caravana para ver o cara. "Mas ninguém viu sua cara?"... "Meu caro, eu só quero passar com o meu carro, tirem esse corpo daí"...

A perícia não vinha e pelo jeito nem precisaria vir, nas janelas das casas os peritos de plantão já haviam resolvido a situação. "Perícia pra quê? Só se eles forem capazes de reviver o homem"... "Era homem?"... "Digo homem no geral"... "Mas e se for mulher? Hein, seu machista? Mulheres não podem ser mortas também?"... "Olha moça, eu não vi nada, só falei por falar, querendo ajudar"... "Deveria ficar quieto, para não atrapalhar"... Naquela hora morri de vergonha por morar naquele bairro em que os vizinhos causavam aquelas cenas. As sanguessugas se alimentavam da tragédia e defecavam suas opiniões perfeitas. Todos tinham razão, ai de quem soubesse mais.

Por não saber, e por saber que não sabia, deixei aquilo tudo e fui embora, embora a curiosidade permanecesse ali no asfalto, naquela mancha negra, isolada por fita, como uma obra de arte bendita em um museu ao ar livre, rodeada de críticos de arte discutindo sobre o seu processo criativo.

Aquela curiosidade me matava, tirava a minha atenção e, quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi ligar a televisão. Por sorte, o noticiário já cobria tudo ao vivo, e descobria que o morto, segundo as testemunhas, era uma mulher negra da favela que tinha sido assaltada por outro favelado, quando andava em lugar indevido. Ainda, alegaram que, em determinado momento, um cachorro da raça dálmata cheirava o cadáver e que, se ninguém tomasse alguma atitude, ele poderia comer a pobre coitada.

- Mas o quê? Não acredito! Ah, mas eu duvido! - Falei em voz alta já me direcionando para a porta pela qual, há poucos minutos, eu havia entrado.

Não aguentei! Não ia conseguir ficar sem saber a verdade. Saí imediatamente de casa, correndo em direção ao local. Quando cheguei, não vi ninguém. Nem polícia, nem perícia, nem corpo e nem fita, nem estava mais ali a vizinha aflita. A rua estava cheia de lixo como no fim de uma sessão no escuro do cinema. Pacotes de pipoca e latas coloridas de refrigerante se espalhavam pelo lugar, enquanto um cachorro magrelo, amarelo, cheirava tudo querendo se alimentar. Mas outra coisa foi o que me chamou a atenção. Não era mais a lona preta que se confundia com a cor do asfalto, era uma grande mancha de sangue no chão, que querendo ou não, estava bem ali para ser vista, era o vermelho de uma ex-vida que agora manchava a pista.

Foi nesse dia que eu voltei a ver as cores, que começaram a colorir com valores, o preto e branco da minha vida neutra.

Data : 01/01/2013

Título : Farol

Categoria: Poesia

"Farol"

Poucos traços de sol
que entram pela janela
desenham em duas cores
o que mais gosto dela.
Poucos traços de luz
piscando e causando ciúmes,
brilha o verde claro,
o brilho dos vagalumes.

Poucos traços de chuva
que brilham no clima do sul,
cortam o solido céu
os raios na cor azul.
Brilham no reflexo ocular
o que me traz desespero.
Se é a luz d'um farol,
intitulo-me faroleiro.
Brilham por entre as estradas
na curva da escuridão.
Bate a luz em meus olhos
quem apanha é o meu coração.
Na sombra me trás a luz,
e em um singelo ato padeço.
Me tira da dor da cruz,
em seu brilho desapareço.
Na sombra e na densa névoa,
brilha a me alimentar.
Sou planta na fotossíntese
deste brilho a me alimentar.
No reflexo e no perplexo,
no espelho ou no ocular.
Brilho que foca meus olhos,
esse farol estou a observar...

(PIU)

Data : 28/07/2015

Título : FUGA

Categoria: Poesia

Descrição: [Pericárdio] (Miocárdio)

FUGA

[Pericárdio]

(Miocárdio)

{Epicárdio}

Procuro uma saída!

Passei por

átrios e ventrículos,

e vi que

veias

são

vias

que

voltam.

Eu escapo por uma artéria...

(PIU)

Data : 27/02/2014

Título : Indo

Categoria: Poesia

ir,

só ir.

Só, ir

Só indo

SORRINDO...

Data : 01/02/2017

Título : Insono

Categoria: Poesia

Na noite silenciosa,
eu converso sobre nada
com estrelas escondidas sobre o teto,
discuto mentalmente com os pernilongos,
entro em luta corporal com o calor,
e logo o frio.

Na noite silenciosa,
eu namoro a insônia,
que, por sua vez, toma conta da minha razão e me faz escravo de suas vontades.
O silêncio e o escuro são carrascos!
Queria fechar os olhos, sem ter em meu pensamento uma imagem de você.
Fechar os olhos e apagar de vez,
como quando cai a luz e só volta horas mais tarde.
Queria programar os olhos
para só voltar a abri-los
quando o sol vier desenhar a realidade de um novo dia na janela do meu peito...

Na noite silenciosa,
eu sigo desse mesmo jeito.

(Piu)

Data : 01/01/2014

Título : La lengua

Categoria: Poesia

No conozco bien tu lengua
y no sé se conseguiré entender
Deja que ella se enrolle con la mía
para que tu idioma yo pueda aprender
¡Que seas así,
sin restricciones o pudor!
Que la boca sea un diccionario
y el beso nuestro traductor

(Piu)

Data : 01/01/2016

Título : MEU PENSAMENTO

Categoria: Poesia

Descrição: Para Carolina...

Naquele livro marcado,
em uma música do Chico,
num ato tão desastrado,
aqui parado eu fico...
Penso na vida e na morte,
quem sabe seja só sorte....
Naquela noite marcante,
eu de camisa mutante.
No nosso jeito tratante
pra ir tomar um café,
sempre deixado para adiante

porque não dava mais pé.
Meu pensamento passeia
por um passado bem perto.
Não sei se estou na tua teia,
ou se sou muito esperto...
Tem o pingente cor verde,
e tem os lábios com sal.
Tem um pedaço de dente,
e uma cobertura Cacau.
Tem o meu toque e o teu TOC,
e uma tomada queimada.
Hoje a janta é Nhoc!
Hoje a noite é gelada!
Meu pensamento viaja
enquanto eu fico parado.
Em certas coisas se engaja
deixando bem misturado.
Penso no meu e no seu,
naquele caso tão nosso.
Não sei se alguém entendeu,
mas falar disso não posso.
Meu pensamento passeia
enquanto tento acabar
essa estrofe tão feia
que eu só fiz pra rimar...
Eu penso o dia inteiro
e tudo me remete a você.
Será teu jeito, teu cheiro?
Eu repenso buscando o porquê...

(PIU)

Data : 01/01/2016

Título : Minhas mãos

Categoria: Poesia

Nas minhas mãos habitam seres,
seres que nem eu sei.
Vindos através de um abraço,
um aperto de mão,
vindos de um murro que um dia dei.
Nas minhas mãos habitam seres,
seres que não sei quem são.
Chegaram por uma carta,
por um breve telefonema,
por alguma outra conexão.
Nas minhas mão habitam seres
que só eles sabem quem são,
encontrei-lhes em um aceno,
um sinal de positivo,
no troco ao comprar feijão.
Nas minhas mãos habitam seres,
seres que vão do sim ao não.
Seres que foram empurrados,
seres que pediam um pão.
Nas minhas mãos morreram seres
que nadaram em lágrimas,
que beberam suor.
Seres que estiveram comigo
no bom,
e também no pior.
Nas minhas mãos habitam seres
que não quiseram casa, preferiram prisão.
Enquanto alguns decidiram ficar,
outros escaparam por um vão

Minhas mãos dão carinho,
minhas mãos dão adeus.
Nas minhas mãos habitam seres
que são tudo,
mas que nunca serão meus...

(PIU)

Data : 08/03/2014

Título : Mulher

Categoria: Poesia

Descrição: Uma flor única em um campo cinza A luz no escuro do olhar

MULHER

Uma flor única em um campo cinza
A luz no escuro do olhar
Peça perdida do paraíso
A tradução do que é o amar

A garoa fina que cai do céu e beija o rosto
misturada ao vento que canta fino aos
ouvidos
Do contrário é o que é oposto
É cura para os que estão feridos

A escultura de uma beleza real
feita de carne e osso

A pureza ao natural
É uma escada no fundo do poço

É parte ímpar de todos pares
Não é apenas uma gota
É a água de todos os mares

O que mais poderei dizer
ao invés de perfeição?
Se é única para todo esse viver,
posso então chamar de razão!

Israel Passarinho

Ilustração de Renato Brito

Data : 05/11/2015

Título : Ontem

Categoria: Poesia

Descrição: Ontem vivi minha eternidade

Ontem
vivi minha eternidade.
Hoje
sigo morto devido à saudade.

Ontem
esqueci da existência da morte.
Hoje
já não tive a mesma sorte.

Não é que hoje eu não esteja vivo,
é que ontem eu tive um motivo.

Quem sabe amanhã eu reviva
se mergulhar no teu corpo,
se me afogar na saliva...

(PIU)

Data : 25/10/2015

Título : Peça do Destino

Categoria: Poesia

Descrição: O destino pregou-me uma peça, sem saber que ela era de encaixar.

O destino pregou-me uma peça,
sem saber que ela era de encaixar.
Eu sigo buscando à beça,
(quem sabe um dia eu consiga encontrar)
alguém que esteja errado,
e que tenha a intenção de trocar
aquele pedaço encaixado
que o destino não soube pregar

(PIU)

Data : 01/01/2014

Título : PÔR ENTRE OS PRÉDIOS

Categoria: Poesia

Fim de tarde, enfim!
Por entre os prédios
uma mescla de cores que vai pintando o céu,
o meu céu,
o teu céu,
o mesmo céu que faz rima com os nossos nomes.
Sol, o solitário ser,
vai descendo com sua leveza
e levando com ele a incerteza.
Os poréns do dia parecem dar uma pausa,
nenhum pois ou porquê nos importa.
A tevê estragada,
a porta da sacada sem cortina,
nem mesmo as mesmices da nossa rotina,
nada,
nada interferiu no pensamento
durante aquele vago momento.
Entre as nossas sombras,
uma pequena linha de luz se formou na parede do fundo.
Conforme o tempo ia passando
a linha de luz ia diminuindo de tamanho
e nossas sombras iam aumentando,
até que tomaram conta de toda a parede
de toda a sala,
do décimo andar inteiro,
de toda cidade que começava a ser iluminada pelas luzes artificiais.
Tudo isso durou uma pequena fração de tempo,
uma pequena fração que vai se tornando infinita,
a cada fim de tarde
quando um sólido sol vai se pondo
por entre os prédios da minha memória...

(PIU)

Data : 20/05/2014

Título : Quebra Cabeça

Categoria: Poesia

Descrição: E n cai xa

Quebra Cabeça

E N CAI XA
E M

M I M

E

M E

COMPLETA

ASSIM!

(PIU)

Data : 27/02/2014

Título : r E fL ex O

Categoria: Poesia

M e

us

P

e d

a

ç o

s

es t

ã

o

e

sp al

h a

d os

n o

e

sp e l

ho

q u e

b

r

a d

o

Data : 01/01/2016

Título : R.I.P.

Categoria: Poesia

Fez da cova

uma cama.

Fez da terra

o seu cobertor.

Agora dorme tranquilo,

não se preocupa com

despertador...

(Piu)

Data : 19/02/2013

Título : SEM VALOR

Categoria: Poesia

Descrição: Era apenas um espermatozóide; Era apenas um feto;

SEM VALOR

Era apenas um espermatozóide;

Era apenas um feto;

Era apenas um bebê;

Era apenas uma criança;

Jovem;

Adulto;

Velho;

Era apenas um defunto que alimentava os vermes.

Charge feita com um de meus poemas pelo meu grande amigo Diego Mazeto

Data : 30/04/2017

Título : Sinal

Categoria: Poesia

Descrição: O sinal segue fechado na pista, mas mesmo que todos estejam parados

Sinal

O sinal segue fechado na pista,
mas mesmo que todos estejam parados
ninguém repara no palhaço malabarista.
A luz vermelha hipnotiza!
E todos aqueles que não têm tempo para esperar
entram em estado de desespero por terem que parar.
O verde é alimento para a velocidade,
e quando semáforo muda de cor
a vida volta a ser atropelada sem nenhuma piedade.
É nesse momento que o palhaço malabarista
fica parado no canto, esperando o momento do sinal
fechar.

Quem sabe um
dia alguém repare no seu nariz vermelho
e abra a janela do carro para deixar uma moeda
escapar...

(PIU)

Data : 13/03/2017

Título : Sob a dúvida e a escuridão

Categoria: Contos

Quando os seus olhos abriram, influenciados pela intensa dor que sentia, ele percebeu que estava sem partes da percepção. Estava envolto a uma escuridão plena que tomava conta de tudo e que o fazia pensar que pudesse estar cego. Com o rosto encostado no chão, sentia cada uma das minúsculas partículas de terra que entrava nos poros da sua pele. Nada ouvia além das batidas

aceleradas do coração e da sua respiração ofegante mesclando-se com seus gemidos de dor.

Sem saber quem era, e como havia chegado naquele lugar, ele ficou imóvel, deitado de bruços, sentindo o sangue que escorria de seus braços secar e encascar, formando uma nova pele, mais grossa e fétida. Era frio, o seu sangue era uma fonte de calor, lhe cobria os braços e algumas partes do corpo como um líquido cobertor. A dor febril fez com que seu corpo ficasse imóvel. Seus olhos, cegos pela escuridão, voltaram a se fechar sem lhe proporcionar nenhum tipo de cor nova para substituir o negro da treva que lhe envolvia por completo. Assim, ele ficou por um tempo, tomado de dor, dúvidas e escuridão. Aos poucos o cansaço e foi tomando conta e assim, ele se rendeu ao sono. Seu descanso logo foi interrompido pelo latejar doloroso das veias que voltavam expelir o sangue para fora de seu corpo. Acordou. Tentou se levantar, mas desmaiou.

O despertar definitivo não se fez diferente à realidade que vivia antes de fechar os olhos, e assim, permaneceu imaginando o que e como teria tudo aquilo acontecido, sem ao menos ter alguma pista ou vista clara de tudo. Seu corpo já estava amortecido por estar parado na mesma posição há tanto tempo, queria se movimentar e pedir ajuda. Ao tentar virar de lado, sentiu uma onda de dor, e largou um grito que ecoou por alguns segundos até se perder no ar. Sua dor aumentou ainda mais, ele percebeu que seus dois braços estavam quebrados, e que o sangue que escorria e apodrecia pelo seu corpo, era consequência das fraturas expostas que naquele instante se faziam mais vivas do que ele, pregando a dor na sua carne. Cansado de tanto sofrer em um pesadelo que vivia acordado, entregou-se ao sono outra vez, dormiu com esperança de acordar em outro lugar, em outro corpo, qualquer que fosse e que lhe tirasse desse castigo.

Dormiu por mais um tempo até a dor vir em forma de despertador. Ele voltou a abrir os olhos e seguiu sem ver nada. Suas pernas podiam se mover, e ele não queria se entregar ao desespero que começava a tomar conta da sua sanidade, para isso precisava sair daquela agonia. Decidiu enfrentar a dor e começou a se arrastar para algum lugar onde pudesse encontrar luz. Com a face sendo ralada pelo chão, ele arrastou-se por alguns metros até encontrar uma parede fria e úmida que impossibilitava seu progresso. Sem poder seguir adiante, ficou ali, mais uma vez imóvel, ouvindo pequenos ruídos pelo chão. Sentia a boca seca e um vazio enorme no estômago, além da dor, agora outros males vinham lhe atormentar.

A fome e a sede já haviam se tornado outra de suas preocupações, já era capaz de dar um de seus braços podres por um pedaço de carne e um copo de água, houve momentos em que pensou em comer seu próprio corpo e beber do seu sangue devido a essas necessidades. Sentiu que na parede úmida a sua frente havia uma espécie de gel, forçou para movimentar seu rosto, chupou e lambeu aquele gel gosmento até que a sua língua raspou na pedra. Engoliu o limo frio ao mesmo tempo em que sentia nojo e vontade de vomitar. Mas ao mesmo tempo em que se enojava, sentia que aquilo era seu conforto momentâneo. Talvez se alguém aparecesse por ali e lhe ajudasse, desse ao menos um pedaço de pão duro e um pouco de água suja... mas nada, nada aparecia, nada se resolvia, o tempo passava e ele estava só, acompanhado pelo seu desespero e pela presença de alguns insetos que se demonstravam ariscos ao se arrastar pelo chão.

Se era dia ou noite ele não sabia, como e quando chegou ali também não. Talvez tivesse sido largado ali para sofrer, talvez tivesse sido torturado, culpado por algo que não lembrava naquele momento. Não sabia de nada, não lembrava, estava ali, sofrendo, e só. O tempo passava sem ele perceber, sua pouca percepção estava focada na imensa dor e na tamanha fome que já consumia a sua carne como um parasita que absorve a alma e a coragem. Com voz fraca ele rezava baixinho pedindo para que qualquer deus ou demônio livrasse seu corpo de tamanha angustia e sofrimento. Foi neste instante, que percebeu a presença de outro ser aproximando-se do seu corpo. Sentiu que começava a subir em seus pés um inseto comprido e cheio de pernas. O inseto corria pelo seu corpo em de forma sinuosa e ia subindo gradativamente: coxa, costas, passando pelo pescoço até chegar a sua face. Ao chegar próximo aos lábios entreabertos, o inseto se deparou com a agressividade que a fome causa. Os dois seres lutaram por suas vidas através de forma agressiva. Enquanto o inseto percorria dentro da boca entreaberta, o homem faminto tentava de alguma maneira mastiga-lo. Quando ele finalmente conseguiu prender o animal entre seus dentes, já tinha a boca toda inchada devida as dolorosas picadas de inseto. Sentiu-se vitorioso por isso, e aquela dor horrorosa que sentia foi totalmente substituída pelo breve prazer de mastigar aquele crocante bicho que lhe servia de alimento para o corpo a alma e a raiva. O gosto diferente e asqueroso era apenas um diferencial em meio à tamanha alegria que sentia ao estar alimentando-se daquela coisa suculenta.

Seus pensamentos estavam ainda mais confusos, e agora se voltavam ao medo de ficar ali, sangrando, sofrendo por mais tempo. Sua dor corpórea começava a se misturar com o veneno inoculado pelo inseto e pela alucinação. "Alguém virá me ajudar..." - seu estomago mexia-se involuntariamente - "alguém virá me ajudar..." - a boca inchada começava a regurgitar líquidos fétidos - "alguém virá me..." - seu corpo amortecia cada vez mais, e a alucinação engolia sua realidade - "alguém virá..." - ele concentrava toda a sua força na vontade de viver - "Alguém...". Começou a ouvir o que seria o ladrar dos cães do inferno, ou seria o canto dos pássaros celestiais? As nuvens do céu e a fumaça do inferno eram todas vistas na cor negra, ele delirava na escuridão...

De modo estranho, a par de tudo isso, ele ouviu um nome sendo ecoado do alto. "Seria Deus me chamando? Esse seria meu nome?". Começou a sentir o cheiro de querosene e a ouvir o ladrar de cães se aproximando de onde estava. Em um raro instante de sanidade, lembrou-se do brilho das noites de caça, do cheiro do cigarro de palha, de outras coisas simples que talvez não tivessem vindo à tona em toda sua vida e que agora pareciam as coisas mais importantes para ele. Começou a lembrar, e isso fez com que usasse o pouco de força que lhe restava para se arrastar mais um pouco em busca de uma saída. Arrastou-se contornando toda a parede até perceber a circunferência que lhe prendia, não havia saída! Algo começava a fazer sentido. Em um ato de desespero, fixou seus pés na parede e impulsionou o seu corpo dolorido até que pudesse vira-lo para cima. Outro grito de dor ecoou e se perdeu no ar.

Percebeu que alguém se aproximava dali, ouviu assobios, gritos chamando por alguém, voltou a ouvir os cães ladrarem mais alto, tentava sentir esperança, mas não sentia mais nada. Seu corpo já não lhe respondia, sua boca já estava calada...

De repente, um feixe de luz tomou conta daquela escuridão revelando aos seus olhos o local onde ele estava.

- Tragam uma escada, uma corda, ele está no poço! Por Deus, há quanto tempo esse miserável está aí?

“Ele está no poço? Seria eu? Quem eu realmente sou? Miserável? Pelo menos não está mais escuro!”...

Seus ouvidos não puderam escutar mais nada, e seus olhos se fecharam antes dele ver quem estava chegando para lhe ajudar.

Data : 15/07/2015

Título : TEMPO

Categoria: Poesia

Descrição: O mundo segue de luto lá fora...

(TEMPO)

O mundo segue de luto lá fora!

Lágrimas caem do céu em riste,
de forma triste.

Uma criança morreu!

Mas não foi agora, foi há tempos,
outrora...

O homem de barba põe a sua roupa de luto:

sua calça jeans,

sua camisa social,

sua bela gravata,

os seus sapatos limpos...

O homem pega o seu guarda-chuva

e vai pra luta.

Dia após dia ele vai,

e não importa como esteja o tempo.

Só o tempo que lhe importa

é o de entrar e sair da porta,
daquela fatídica horta
regada pelo seu suor...
(No fim do mês vem o fruto)
Houve um tempo,
em que realmente,
não importava nenhum tipo de tempo.
Nem TIC, nem TAC,
nem sol,
nem chuva...
Tudo caía como uma luva
quando se buscava um sorriso de menino.
Mas o tempo,
há tempos está de luto!
Já não há mais esperança!
As nuvens de chuva nublaram aquela lembrança.
E hoje,
o homem que apara a barba no espelho
já não vê mais a face de uma criança.
E o barro,
que antes era brinquedo,
tinta,
motivo de sarro,
tornou-se algo bem chato,
sob a sola do limpo sapato...

(PIU)

Data : 17/05/2014

Título : Tempo

Categoria: Poesia

Descrição: O tempo passa feito um trem bala

O tempo passa feito um trem bala lotado de gente
Tão veloz ele passa,
que nos deixa parados na estação do presente

(PIU)

Foto: Rosalia Passos

Poema: Passarinho

Data : 01/01/2015

Título : TEMPO

Categoria: Poesia

O mundo segue de luto lá fora!
Lágrimas caem do céu em riste,
de forma triste.
Uma criança morreu!
Mas não foi agora, foi há tempos,
outrora...
O homem de barba põe a sua roupa de luto:
sua calça jeans,
sua camisa social,
sua gravata de grife,
os seus sapatos limpos...
O homem pega o seu guarda-chuva
e vai pra luta.
Dia após dia ele vai,
e não importa como esteja o tempo.

Só o tempo que lhe importa
é o de entrar e sair da porta,
daquela fatídica horta
regada pelo seu suor...
(No fim do mês vem o fruto)
Houve um tempo,
em que realmente,
não importava nenhum tipo de tempo.
Nem TIC, nem TAC,
nem sol,
nem chuva...
Tudo caía como uma luva
quando se buscava um sorriso de menino.
Mas o tempo,
há tempos está de luto.
Já não há mais esperança!
As nuvens de chuva
nublaram aquela lembrança.
E hoje,
o homem que apara a barba no espelho
já não vê mais a face de uma criança.
E o barro,
que antes era brinquedo, tinta,
motivo de sarro,
tornou-se algo bem chato,
sob a sola do limpo sapato...
(piu)

Data : 16/09/2015

Título : TIRAM-NOS

Categoria: Poesia

Descrição: Tiranos, tiramos do outro a imensidão do seu universo particular.

TIRAM-NOS

Tiranos,

tiramos do outro a imensidão do seu universo particular.

Vamos tirando e tirando,

preenchendo o espaço

com nosso bagaço

Sem saber se cabemos nele tiramos,

tiranos entramos,

e muitas vezes trasbordamos...

Transtornamos!

Destransformamos!

Somos vespa pondo ovos em lagarta pra ela não metamorfosear,

para não encasular em si mesma,

para não voar.

Somos atores,

atentos!

Atamos ao redor do umbigo a liberdade alheia

atuamos com o tempo

tecemos a teia...

Prendemos e não aprendemos...

A perda é recíproca!

Tirem de mim sua tirania,

tirem de mim essa máscara!

Deixem meu rosto exposto

e apontem seus dedos com gosto!

Atirem!

Matem as minhas farsas!

Tirem de mim até a vida,

mas não tirem de mim as asas...

(PIU)

Data : 29/05/2015

Título : Você...

Categoria: Poesia

Descrição: Você não foi remendo, foi atadura

Você não foi remendo,
foi atadura.

Não foi analgésico,
foi a cura.

Você não foi enxerto
e nem foi pedaço.

Você foi a agulha
que costurou com um abraço.

Cuidou do meu coração
como se fosse o seu.

E não percebeu que aos poucos
ele já deixava de ser meu...

(PIU)